

## O que significa hoje o *propter Christum* (CA IV) diante do diálogo inter-religioso, ecumênico e o fenômeno pentecostal?

Manfred Zeuch

**Resumo:** No estudo procurou-se introduzir o assunto com reflexões acerca da pertinência atual da pergunta de Martinho Lutero por um Deus gracioso e por salvação. Comentam-se os esforços recentes do luteranismo mundial para explicar e atualizar a mensagem da salvação ou justificação pela fé, centro da compreensão da Reforma, notando-se pontos fortes e fracos nas exposições teológicas recentes, especialmente no que se refere à natureza da obra de Cristo no quadro da justificação. Numa segunda parte propõem-se teses, para discussão, abrangendo três fases: a importância do “por causa de Cristo” no cenário das religiões, no diálogo ecumênico e na questão do pentecostalismo.

**Resumen:** En este estudio se procuró introducir el asunto con reflexiones acerca de la pertinencia actual de la pregunta de Martin Lutero por un Dios gracioso y por salvación. Se comentaron los esfuerzos recientes del luteranismo mundial para explicar y actualizar el mensaje de salvación o justificación por la fe, centro de la comprensión de la Reforma, notándose puntos fuertes y débiles en las exposiciones teológicas recientes, de manera especial en lo que se refiere a la naturaleza de la obra de Cristo en el cuadro de la justificación. En una segunda parte se proponen tesis, para discusión, abarcando tres fases: la importancia del “por causa de Cristo” en el escenario de las religiones, en el diálogo ecuménico y en la cuestión del pentecostalismo.

**Abstract:** In this study an endeavor was made to introduce the subject with reflections about the current pertinence of Martin Luther’s quest for a gracious God and salvation. Comments are made on the recent efforts of world Lutheranism to explain and update the message of salvation or justification by faith, which is the core of the Reformation’s view, pointing out strong and weak points in the recent theological expositions, especially as they refer to the work of Christ within the framework of justification. In the second part theses for discussion are suggested that deal with three phases: the importance of “for Christ’s sake” in the scenario of religions, in ecumenical dialog and in the issue of pentecostalism.

## I - Introdução: panorama histórico e o estado da questão hoje

A ênfase na centralidade de Jesus Cristo para a fé e a Igreja foi, no seu fundamento, uma marca de identidade do pensamento luterano. Se a pirâmide do movimento da Reforma de Lutero tem uma base triangular, formada pelas proposições confessionais *sola gratia, sola fide, sola scriptura*, todas convergem para a ponta do topo da pirâmide, o *solus Christus*, e sem ele não teriam profundidade. Podemos encontrar muitas afirmações de Lutero ao longo de sua caminhada pessoal e teológica a respeito de Jesus Cristo, que incluem diversos aspectos e funções atribuídas a ele, mas parece incontestável que a questão existencial da relação (perdida e restaurada) do ser humano com o Absoluto, com Deus, é o centro e o pivô da compreensão e do discurso luterano acerca de Cristo<sup>1</sup>. A cristologia de Lutero sempre é, ao mesmo tempo, o discurso sobre a reconciliação do ser humano com Deus, efetuada pelo próprio Deus em Jesus Cristo, embora não se possa falar de uma cristologia de Lutero no sentido sistemático. Suas proposições sobre Cristo perpassam sua vida, pregação, consolação de outros e amor familiar (por exemplo: na relação com sua mulher Catarina, muitas vezes refere-se a Cristo), e, intensamente, seus escritos sobre os diversos temas da Reforma. Lutero não escreveu uma obra cristológica, mas a sua compreensão dos assuntos de fé, salvação, vida, igreja e sociedade vem orientada, como de um ponto de fuga, por esta ponta superior da pirâmide já citada. A Escritura, fundamento formal de sua teologia, só tem relevância existencial para nós como palavra de Deus enquanto promove Cristo. Não por causa da pessoa ou do nome de Jesus Cristo, mas especificamente “por causa do seu ensino”<sup>2</sup>.

Entenda-se aqui o ensino *do evangelho*, que é a notícia da reconciliação dos seres humanos com Deus. Antes de mais nada, Lutero viveu esta reconciliação após uma busca religiosa intensa que visava resolver a fragmentação de sua vida. Ele experimentou a reconciliação como uma ação de Deus em sua vida através da sua descoberta de uma “justificação”: ele, o pecador Lutero, recebeu, aceitando, a oferta e o amor de Deus que remove a culpa e a fragmentação de sua vida e dá comunhão com Deus e novo sentido para a vida e para o mundo. A justificação pela fé trouxe a Lutero a reconciliação. Esta não se fez por cooperação e conquistas morais, sociais ou espirituais pessoais de Lutero, mas pelo que se chama a “obra de Jesus Cristo”,

---

1 Assim o compreende, p. ex., Gerhard MÜLLER, 2001.

2 WA 10 I, 1, 439, 1-3, G. MÜLLER, op. cit., p. 54.

sua vida, seu destino, sua morte e ressurreição. Esta é a convicção de Lutero e impregna o pensamento luterano na história. A confissão de Augsburg vem enfatizar este lado da justificação pela fé quando afirma que ela se dá *propter Christum*, graças a, por causa de Cristo. Com isto, deixa de lado toda idéia que enfoque uma ação do ser humano neste processo. Todos os aspectos interpessoais e sociais, morais e políticos que se relacionam à fé cristã não fazem parte do processo de reconciliação dos seres humanos com Deus, mas serão sempre uma necessária consequência dele. Sei que esta afirmação é contestável; existe o debate, destacado, por exemplo, pelo teólogo luterano Wolfhart Pannenberg, sobre a questão de saber se o processo de pregação do evangelho é parte integrante ou não da reconciliação de Deus com o mundo. Se acharmos que sim, a pergunta seguinte seria: questões interpessoais e sociais, morais e políticas não estão entrelaçadas com a ação querigmática e evangelizadora da Igreja (no sentido de Tg 2)?

Um debate que regularmente volta à tona, tanto no meio intraprotestante quanto no campo católico, é o da pergunta pela natureza do movimento da Reforma: foi ela movida por uma verdade objetiva e heterenômica ou propulsionada pelo mais puro subjetivismo na busca existencial de um monge aflito no fim da Idade Média? Posicionamentos polares, neste caso, não levam a qualquer resultado satisfatório, uma vez que temos aqui um fenômeno complexo que encerra duas dimensões: a do conhecimento espiritual, a *Erkenntnis* religiosa, e a do conteúdo da fé cristã mediada pelo testemunho bíblico e da tradição. Sem dúvida, existe o elemento da experiência de Lutero, o *Turmerlebnis*, a descoberta que a teóloga austríaca Susanne Heine chama de *aha-Erlebnis* – a experiência do “ora vejam só”, um processo de descoberta e conhecimento espiritual. “Como posso conseguir um Deus gracioso?” era a questão existencial inserida no contexto de uma espiritualidade ainda medieval. Mas a solução descoberta por Lutero não somente transformou o horizonte de sua vida pessoal, como lhe forneceu ferramentas para o início da transformação de toda uma realidade teológico-eclesial e mesmo cultural. É convicção luterana hoje que os conteúdos que lhe inspiraram este conhecimento pessoal ainda existem? A questão hoje é dupla: que tipo de questionamento existencial pode querer procurar ou interessar-se por conteúdos semelhantes? E: que tipo de mensagem e resposta traz este conteúdo que Lutero redescobriu para os homens e as mulheres de hoje? Pergunta paralela: em que *forma* poderia – e deveria – aparecer hoje o conteúdo em questão? Ou seja, como pode se dar a *Umsetzung*, a aplicação deste conteúdo na vida e no horizonte atual das pessoas? Como se aplica a justificação à vida cotidiana? Se Lutero, em sua época, falando especificamente da justificação pela fé – embora a seguinte citação tivesse acontecido numa conversa de mesa – admitia que

existe [...] um sintoma fácil de ser reconhecido: tão logo você pregue sobre a justificação, as pessoas pegam no sono ou começam a tossir. Mas conte-lhes historinhas e belos exemplos, que todos esticam suas orelhas, ficam retinhos e ouvem com todo zelo [...].<sup>3</sup>

– o que diremos nós hoje, numa época em que as perguntas não são exatamente as mesmas de então? Ou, como questiona Heine quando se refere à dicotomização entre o mundo particular dos iniciados na fé e o mundo dos outros, e a crescente perda da dimensão do *conhecimento espiritual* em nossa cultura:

[...] a quem ainda pode interessar quando uma sociedade de teólogos tenta unir-se em torno de uma doutrina reduzida ao saber – *wissen* –, que não mais indica que ela fora anteriormente um conhecimento *de alguma coisa*?<sup>4</sup>

A tarefa colocada diante de nós, neste debate, é compreender como pode ser estabelecido hoje o elo complexo entre as perguntas profundas que mexem com as pessoas de nosso tempo e a mensagem que vem da fé cristã e que inspirou, naquela época, a doutrina da justificação. Não existem aí somente as variáveis como “consciência (*Bewusstsein*), processo de conhecimento espiritual e motivações”<sup>5</sup>, que se colocam entre o conteúdo e a ação humana na experiência pessoal de justificação, que precisam ser tomadas em consideração. Existe também a questão de saber e de definir hoje, por um lado, *o que é este conteúdo*, e, por outro lado, que natureza têm os questionamentos mais profundos do ser humano hoje. Em outras palavras: *que conhecimentos sobre que coisas* podem ser possíveis hoje quando se trata da justificação pela fé, e para responder a quais perguntas? E em que sentido entra a ação de Deus, não somente no conteúdo mas também no processo de conhecimento e conversão?

Nos últimos anos e décadas, foram feitos muitos esforços para refletir sobre a importância, relevância, necessidade, ou identidade da mensagem central da Reforma para nossos dias, movidos pelas transformações radicais que o mundo viu acontecerem nos diversos âmbitos. Um dos marcos importantes foi o documento intraluterano *Justificação Hoje* de 1963. Em círculos luteranos ligados à Federação Luterana Mundial (FLM), esta preocupação tem sido mais intensa, a atualização da doutrina da justificação, uma vez que

---

3 Cit. ap. Theodor DIETER, La signification de la doctrine de la justification pour l'ensemble de la doctrine chrétienne, in: *Positions Luthériennes*, 2000, p. 406.

4 Susanne HEINE, 2000a, p. 48.

5 Ibid., p. 49.

o luteranismo mais conservador prefere ater-se às formulações doutrinárias históricas da Reforma. A preocupação pela atualização, neste âmbito, ocorre mais na reflexão homilética, embora aqui também haja muitas lacunas, porque nem todos os pastores têm uma preocupação pela atualização e aplicação do evangelho nas questões candentes do dia-a-dia dos participantes do culto. Creio que um dos motivos por ela quase não existir no âmbito teológico é a pergunta central intraluterana pela possibilidade ou não de expressar-se o mesmo conteúdo doutrinário ou doxológico de diferentes formas e mecanismos de pensamento, que não expressem necessariamente uma uniformidade teológica, ou então as concepções de teologia “definitiva” e de teologia “feita no caminho” (*theologia viatorum*).

O luteranismo, tal como representado na FLM, tem feito estudos regularmente, mais recentemente sobre a questão da *Justificação nos contextos do mundo*<sup>6</sup>, publicados sob os auspícios de Genebra. Um grande esforço e trabalho encontram-se por trás das 240 páginas de estudos oriundos dos mais diversos horizontes do globo. Muitos *insights* importantes foram conseguidos através da análise sociológica, econômico-política e religiosa da situação em que vivemos hoje nestes horizontes, com relação à fé cristã. Dentro da tendência atual de interpretar o significado da fé e do religioso a partir de suas possíveis implicações ético-sociais, chamou-me a atenção a insistência de Susanne Heine numa compreensão ontológica da justificação como fundamento religioso, sem o qual a ação humana perde seu pretense caráter cristão, tornando-se uma espécie de simples humanismo do Jesus Nazareno, como também pode ser compreendido e praticado no âmbito do espiritismo, por exemplo, ou na maneira como o hinduísmo compreende a ética humana espelhada em Jesus. “Ser precede ao dever”, *Sein geht vor Sollen*, é o título que resume sua exposição. É de refletir se a opção ontológica não deveria ser revalorizada como a marca da teologia luterana expressa por exemplo no *Da liberdade cristã*, de Lutero. Alguns teólogos influentes no século XX, como W. Pannenberg, podem nos dar novos elementos de reflexão em relação à ontologia da justificação em Cristo pelo Espírito.

É preciso refletir sobre a adequação do discurso da fé cristã às necessidades do nosso mundo. Pannenberg tem razão quando dizia, em um colóquio em Estrasburgo em 1995, que *não basta* “repetir as afirmações confessionais do século 16”<sup>7</sup> mas que “são necessários novos esforços que proponham uma interpretação escriturística apropriada e que tentem enfrentar os

---

6 *Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*, FLM, 2000.

7 Wolfhart PANNENBERG, 1995.

desafios do mundo moderno”<sup>8</sup>. Entretanto, ele lembra bem que todos os antigos símbolos não são outra coisa do que “expansões trinitárias da confissão de Jesus Cristo”, e que é a confissão de Jesus Cristo que fundamenta todos os escritos confessionais da Igreja<sup>9</sup>. No debate em torno da identidade luterana, os luteranos nunca deixarão – ou poderão deixar – de considerar que os símbolos católicos e os da Reforma têm uma função concreta na reflexão teológica de nosso tempo. Neste sentido, Pannenberg chamava a atenção, no mesmo evento citado, para o fato lastimável de que existe uma “ausência de um fundamento, de um esforço atual que procure desenvolver um consenso doutrinário da Reforma”<sup>10</sup>. Nós sabemos deste déficit, mas existem alguns esforços intraluteranos para tanto, sendo o presente simpósio um sinal concreto disto. Nós sabemos e constatamos que há uma “crise de identidade” do luteranismo, e que, para falar com Carl Braaten, o luteranismo muitas vezes tem estado “exposto desnudo aos ventos glaciais que sopram na atual paisagem religiosa”,<sup>11</sup> a saber, o que ele chama “a crise da autoridade magisterial, bem como a crise da autoridade da Escritura, das confissões de fé e dos escritos confessionais”<sup>12</sup>, mas também o “historicismo racionalista que utiliza o método histórico crítico para desmontar a Bíblia enquanto ‘livro da Igreja’<sup>13</sup>,” e finalmente, os “*slogans* da vanguarda”, como “o relativismo, o pluralismo, a diversidade, o feminismo, o desconstrucionismo [...]”<sup>14</sup>. A maioria destas orientações ideológicas contém momentos de verdade, mas igualmente, quando absolutizadas, todo um potencial destrutivo para a Igreja. Para citar um só exemplo: “diversidade” na reflexão teológica poderia e deveria ser redescoberta entre os luteranos mais conservadores. Por outro lado, “diversidade” não justifica *per se* qualquer decisão teológica ou eclesial, mas está subordinada a normas e critérios bem precisos e externos aos sujeitos que refletem e decidem.

Sem minimizar as conquistas dos estudos citados, sua importância para o debate entre teólogos e nas bases da comunidade cristã e sua necessária assimilação, em muitos pontos, nos círculos luteranos alheios à Federação Luterana Mundial, o que acontece, no entanto, é o que eu ousaria chamar de um déficit na explicitação teológica referente à justificação nas análises con-

---

8 Id., *ibid.* Para tanto, compreende-se hoje que são necessários “ministérios autorizados” que zelem por esta unidade.

9 Id., 1995b, p. 292s.

10 Id., 1995.

11 Carl BRAATEN, 1996, p. 186.

12 Id., *ibid.*, p. 199.

13 *Ibid.*, p. 198.

14 *Ibid.*

textuais do texto citado, especialmente no documento comum de trabalho intitulado *Implicações da doutrina da justificação nos contextos do mundo. Um documento de trabalho*, que se apresenta em forma de afirmações ou teses temáticas. Retomo aqui a preocupação de Heinrich Assel, do Instituto Ecumênico de Bonn, o qual, numa análise crítica dos estudos neste mesmo volume aponta para o fundamento teológico da discussão em torno da contextualização da doutrina da justificação<sup>15</sup>. Ele chama a atenção para questões de fundo que determinam o rumo dos diálogos ecumênicos e inter-religiosos, como “de que maneira compreender hoje o significado de ‘vida em Cristo’?”, e a questão do consenso doutrinário na esfera metodológica fundamental da teologia da justificação. Ele apela a seus pares para que se considere, no futuro, a natureza da doutrina da justificação. Neste sentido, para aludir ao diálogo luterano e católico, tem sido dada ênfase à questão da fé contraposta às obras. Talvez esteja faltando uma investigação bíblico-sistemática, além do *per fide*m, na questão do *propter Christum*.

Esta é a questão que nos preocupa neste caso: o “por causa de Cristo” da Confissão de Augsburgo, artigo VII. Apresento a seguir, para fins de discussão, pontos em forma de proposições ou tese, sobre a questão inter-religiosa, ecumênica e pentecostal, sendo que dedicarei mais espaço ao primeiro subtema.

## **II - Teses específicas**

### **O conceito de *propter Christum* no cenário das religiões**

1) Deve haver consenso entre os interlocutores sobre o conceito de diálogo inter-religioso, sobre sua natureza e suas finalidades. O que está em foco parece ser o diálogo entre o cristianismo e outras grandes religiões do mundo, como o islamismo, judaísmo, budismo, hinduísmo, etc.

2) Entre os cristãos protestantes e evangélicos, existem nuances visíveis desta abordagem. Diferencia-se entre diferentes atitudes ou posições fundamentais de comportamento diante das outras religiões, como a exclusivista, a inclusivista e a pluralista. Não se trata de definir e classificar o tipo de abordagem por “compartimentos”. Trata-se de ouvir, distinguir e julgar o que se tem dito e tentar formar seu próprio juízo e consenso.

---

15 Die theologische Grundlage des Streits um die Kontextualität der Rechtfertigungslehre, p. 181ss.

3) Uma tendência maior, nos dias de hoje, se expressa na compreensão formulada por um teólogo protestante de que

[...] Jesus define Deus, mas não o limita. Ele é uma janela pela qual nós cristãos olhamos Deus – mas a seu lado existem outras janelas. Deus é maior do que todos os reveladores reunidos. Trata-se [...] de confessar Jesus como o Cristo de Deus, sem por isso excluir Moisés, Buda nem Maomé<sup>16</sup>.

A pergunta é se uma teologia luterana pode incorporar esta visão sem perder o cerne de sua identidade. Em nossa compreensão, ela não o pode.

4) A compreensão citada toca no âmago do assunto diálogo inter-religioso: de um ponto de vista cristão, o eixo, o critério e a orientação final sempre serão a pergunta pelo “quem é Jesus”, incluindo na questão essencial a inseparável questão: “o que ele fez para ser e por ser o Cristo”? A pergunta pela natureza da pessoa e obra de Jesus Cristo é inevitável. A pergunta e sua resposta sempre serão centrais e devem ser refletidas e expressas detalhadamente, pois fica-se em afirmações gerais que evitam o debate sobre a obra de Cristo enquanto expiação vicária ou representativa.

5) Algumas abordagens exclusivistas, especialmente as protestantes, vislumbram diferenças intransponíveis nesta pergunta e julgam *a priori* como impossível ou até maléfica toda abordagem inter-religiosa, condenando posições mais flexíveis. Nossa compreensão é de que esta atitude é omissa e não cumpre em sua abrangência a missão de Deus e da Igreja no mundo.

6) Por isso, dever-se-ia evitar reduzir tudo a esta pergunta quando se trata do diálogo inter-religioso. Neste sentido, o catolicismo pós Vaticano II forneceu uma importante distinção entre quatro tipos de diálogo inter-religioso: o “diálogo da vida”, o “diálogo das obras”, o “diálogo das trocas teológicas”, o “diálogo da experiência religiosa”. Observa-se, nos documentos católicos, a novidade da ênfase pneumatológica, uma nova consciência do papel do Espírito de Deus em outras tradições religiosas.

7) Deve-se valorizar esta ênfase também no meio protestante e compreender que Deus é maior do que o enquadramento teológico ou institucional de uma família confessional o faz parecer: o Deus Criador, através de seu Espírito, manifesta-se em toda obra de sua criação e entre os homens e suscita sinais de sua presença. O Espírito age, segundo formulação luterana, *ubi et quando visum est Deo*. Isto não se aplica somente à justificação, onde a expressão foi originalmente utilizada, mas também à relação da criação com

---

16 Heinz ZÄHRNT, 1992, p. 231.

o criador. Sua ação é uma ação criacional, que visa – como já o compreenderam alguns pais eclesiais (*logos spermatikós*, a semente do verbo, cf. Clemente de Alexandria) – à aproximação da humanidade do novo Reino, cujo devir se inaugurou com o evento de Jesus Cristo.

8) A ação de Deus com vistas a uma auto-revelação sua com finalidade soteriológica deu-se na história específica de Israel, culminando com o evento de Jesus Cristo e sua interpretação no cristianismo nascente. O significado da vida e obra de Cristo, dentro do conceito neotestamentário do *mysterion*, tem relevância universal e interessa a todos os homens e mulheres para uma salvação escatológica. Outras religiões podem contribuir para questões humanas e éticas com vistas ao bem-estar, à paz e ao convívio fraterno entre os povos, devendo ser compreendidas e respeitadas como tal, uma vez que, em muitas delas, se vive segundo valores do Reino de Deus transmitidos por Cristo, especialmente no Sermão da Montanha. Assim, Jesus é honrado por muitas outras religiões. Mas a justificação do ser humano pecador e sua salvação escatológica se dão, segundo o testemunho bíblico e a compreensão luterana, na ação particular de Deus em Cristo, com significado universal. Por isso o ser humano recebe salvação *propter Christum*.

9) Se compreendermos, junto com a teologia católica, que o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja, constatamos igualmente que muitas vezes faltam explicitações com respeito à verdadeira natureza do que se chama *evangelização* e *missão*. Enquanto que para uma ala, especialmente a protestante ou evangélica, missão significa exclusivamente a conversão de gentios, para outros o elemento conversão é visto com reserva. Esta questão pede formação de juízo na questão da veracidade e universalidade do cristianismo, na pergunta pela unicidade e exclusividade de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus.

10) Teólogos contemporâneos como o luterano W. Pannenberg têm o mérito de dispor-se a falar de Deus “em público”<sup>17</sup> e a expor, diante do pensamento secularizado e de concepções “concorrentes”<sup>18</sup> de verdade, a universalidade e globalidade reivindicadas pela fé cristã, numa abordagem dupla, antropológica e teológica, a qual constitui a estrutura de sua sistemática.

Quanto ao diálogo religioso, Pannenberg afirma:

---

17 Richard John NEUHAUS, 1988, p. 238.

18 W. PANNENBERG, 1991, p. 10; ele se refere a diferentes conceitos religiosos de Deus e da realidade.

A teologia cristã tem *somente* a tarefa de mostrar *que e como* se pode desenvolver uma interpretação coerente de Deus, do ser humano e do mundo a partir do evento da revelação que o cristianismo compreende como tal, interpretação esta que é capaz de ser defendida, com razões, como verdadeira em relação ao conhecimento de experiência da filosofia, e que por isso também pode ser defendida como verdadeira em relação a interpretações alternativas do mundo, tanto religiosas como não-religiosas. A abordagem comparativa e a formação de juízo acerca das reivindicações divergentes da verdade já devem pressupor tais exposições das concepções a serem comparadas<sup>19</sup>.

Isto nos leva a afirmar que uma teologia luterana não poderá dispensar a séria reflexão e exposição teológico-sistemática de sua própria concepção com vistas a um diálogo com outras concepções religiosas.

11) Dito isto, ressaltamos que o diálogo inter-religioso, que deve ser procurado e que faz parte da missão da igreja, não deve ser abordado com a atitude superior e coercitiva de alguns cristãos exclusivistas. O diálogo poderá contribuir para a permanente reflexão e exposição teológica e espiritual da própria fé. Os luteranos não deveriam colocar “entre parênteses”<sup>20</sup> aquilo que representa a sua adesão mais profunda à sua própria fé, mas procurariam o diálogo com o que Dupuis chama de “compromisso e abertura”: o compromisso com sua própria tradição e a disposição de não absolutizar tudo na sua tradição, mas de aprender também com o parceiro.

12) Neste espírito, um método viável poderia ser o diálogo em três tempos, sugerido por Michel Fédou<sup>21</sup>, os quais consistem em (a) “escuta”: trata-se de compreender bem o que o interlocutor diz sobre sua própria fé e religião. (b) A segunda fase é a do “aprendizado”, que consiste em reconhecer o que a teologia cristã poderia, à luz de sua própria tradição, aceitar da posição do parceiro, bem como poderia enriquecer-se com ela para ser mais fiel a seu próprio objeto. (c) A terceira fase, a da “decisão”, consiste em precisar o ponto a partir do qual a posição dos interlocutores não pode ser assumida ou aceita numa perspectiva cristã, mas deveria ser transformada ou convertida para tornar-se cristã. Esta exigência revela que o diálogo inter-religioso permite identificar os cruzamentos e bifurcações a partir das quais se opta de maneira diferente nas diversas tradições<sup>22</sup>.

13) Como exemplo, um âmbito teológico de discussão com o budismo

---

19 Id., *ibid.*, p. 11. Grifo meu.

20 Michel FÉDOU, 1999, p. 227.

21 Id., *ibid.*, p. 228.

22 *Ibid.*, p. 234.

se dá na pergunta pela divindade, por Deus, pelo absoluto e pelo último ou derradeiro, podendo entrar como intermediários teólogos como P. Tillich e K. Rahner<sup>23</sup>. As imagens e concepções acerca de Jesus, em outras tradições religiosas, nos ajudam a lembrar conteúdos às vezes esquecidos da fé cristã. Os muitos Cristos e os muitos Budas, na concepção budista, podem fazer-nos lembrar e revalorizar a multiplicidade de rostos com que Cristo nos encontra na vida real. Semelhantemente, o hinduísmo visa à encarnação de Deus, como o cristianismo, pensando Deus como hóspede e convidado humano (exemplos disso na Bíblia: Abraão [Gn 18.1ss.; Lc 24.29]). Nesses casos, o aprendizado seria uma nova consciência de que Deus pode nos visitar *incognito* no pobre e oprimido, no doente, no sedento e naquele que passa fome ou não tem moradia ou roupa (Mt 25.35ss.). O diálogo poderia ajudar-nos a não cometer a infrutífera dicotomia entre a convivência com Cristo no sacramento e a convivência com ele na vida cotidiana, entre o ser justificado e o deixar santificar-se<sup>24</sup>. O islamismo pode fazer os cristãos repensarem o valor da compreensão de Jesus como sendo profeta de Deus e servo de Deus. Ambas as idéias encontram respaldo nos dois testamentos. Mas, em delimitação frente ao Corão islâmico, os cristãos reafirmarão com nova convicção que Jesus é o servo de Deus que se dá à morte por nós na cruz (Mc 14.24), que ele toma nossas “feridas” sobre si e as cura (1 Pe 2.24) e que a expiação conseguida pela morte de Cristo é apropriada pelos fiéis quando se ligam a ele na aliança do batismo (Rm 6.3s.; Cl 2.12)<sup>25</sup>. O diálogo com o judaísmo pode nos lembrar da natureza judaica de Jesus e da importância de Israel e de sua história para a compreensão do evento de Cristo. Os luteranos têm a chance de repensarem e reexporem a compreensão da relação do ser humano com Deus e de remediarem a crítica judaica, a qual vê neles uma “desconfiança fundamental contra a obra, a ação”<sup>26</sup>, aprendendo com o passado e, especialmente, com a atitude omissa entre 1933 e 1945 na Europa. Também aqui, tal como com os católicos romanos hoje, podemos aprender a não separar indevidamente os conceitos teóricos de “justificação e santificação”, sendo que na vida real não há separação: a justificação no decorrer da vida é a constante volta ao batismo em arrependimento, que na verdade é a santificação. A justificação, que é sempre oferta prioritária de Deus de uma nova humanidade na relação com ele, implica a busca constante de um novo ser humano e um novo mundo já aqui e agora, por causa de Cristo.

---

23 *Ibid.*, p. 229.

24 Horst PÖHLMANN, 2001, p. 56s.

25 W. PANNENBERG, 1991, p. 460.

26 Sebastian ENGELBRECHT, 2001, p. 58.

14) O diálogo inter-religioso também implica o testemunho cristão da questão da paz entre os povos e a rejeição de qualquer intolerância e violência política e religiosa em seu próprio meio e nas outras religiões. A paz do mundo dependerá em alto grau da capacidade de diálogo e compreensão mútua das religiões.

15) Sobre a atual necessidade do ser humano por salvação, concordo com Zahrnt<sup>27</sup> e vários outros autores que esta questão representa bem mais do que um assunto de reflexão para as religiões, mas que se tornou uma força motora da existência, dentro e fora de toda piedade. Muitas pessoas hoje aspiram à cura e à salvação, à libertação e a uma humanidade digna de ser vivida, tendo, no dizer de D. Sölle, o “desejo de ser inteiro”, de viver a vida na integralidade<sup>28</sup>. Nesse aspecto, a religião cristã tem a chance de repensar e atualizar, teológica e dialogalmente, a mensagem da salvação em Cristo para atingir e buscar o semelhante lá onde ele se encontra.

16) *Propter Christum* significa que em Jesus Cristo veio a antecipação do Reino de Deus, no ressuscitado fundamenta-se a vida da igreja que é símbolo do destino de toda humanidade numa nova relação com Deus. Por isso, compreendemos a unicidade do cristianismo que, hoje, deve levar o permanente convite do evangelho às pessoas. Não deve procurar conversão coercitiva, mas externar o convite aberto de Deus, participando da missão de Deus no mundo. O cristianismo somente se tornará universal e incondicional se sua mensagem, seu testemunho e suas argumentações forem acompanhados pelo empenho dos cristãos na imitação de Jesus, seja à custa de sua vida<sup>29</sup>. A verdade *ontológica* nos responde sobre a identidade de Jesus à pergunta “quem sou eu?” Na verdade *hodológica* (de caminho, *hodós*), nós a acessamos somente quando seguimos o “eu sou o caminho”, dando ouvidos àquele que diz aos seus discípulos “venham, e vocês verão”. Aqui há um complemento. Cristo é a revelação última e definitiva, mas o cristão precisa andar, com paciência, num caminho na história, para chegar à plena inteligência daquilo que lhe foi assim revelado, e neste caminho ele também precisa dos outros, sendo que os encontros com os outros poderão levá-lo a ratificar novamente, e com nova profundidade e riqueza, a escolha que já havia feito, de professar a fé cristã.

---

27 H. Zahrnt, op. cit., p. 225.

28 Dorothee Sölle, Die Hinreise, ap. Hans Freudenberg, Klaus Gossmann, 1988, p. 187ss.

29 Gerd Theissen, ap. H. Zahrnt, op. cit., p. 231.

## **Teses sobre o *propter Christum* no diálogo ecumênico**

1) Luteranos não membros da Federação Luterana Mundial devem rever sua posição em relação ao diálogo ecumênico e aderir aos esforços empreendidos nas diversas esferas ecumênicas, no sentido de buscar uma melhor compreensão da missão comum aos cristãos no mundo e uma aproximação entre denominações baseada num sério trabalho teológico. O diálogo que visa à unidade na fé é dever de todos os que professam a fé em Cristo e caracteriza o pensamento e as atitudes luteranas no sentido de *ecclesia*, inclusive e primeiramente luterana, *semper reformanda*. O diálogo intraluterano deve ser mantido e intensificado, particularmente no Brasil, assumindo-se de todos os lados a convicção de que ninguém chegou ao estado do contemplar toda a verdade face a face, mas que todos estamos a caminho, que a verdade ontológica nos encontra na verdade hodológica.

2) Mesmo após 40 anos, a questão da justificação *propter Christum* não está clara na discussão intraluterana. É preciso que comissões teológicas e discussões nas bases continuem a estudar a questão com referência às confissões luteranas que são norma e mapa de orientação. Uma teologia que busca aprofundar sua identidade luterana não pode prescindir da orientação dos seus documentos fundamentais, tal como registrados no *Livro de Concórdia* (ou BSLK).

3) Se luteranos afirmam com a CA IV que “*homines [...] coram deo [...] gratis iustificenter propter Christum per fidem...*”<sup>30</sup>, devem fazer novo esforço de compreensão acerca do objeto desta fé, a significação do “por causa de Cristo”<sup>31</sup>. Conforme pesquisas aprofundadas no assunto (Beck, 1987), os documentos ecumênicos em que luteranos participaram apresentam uma lacuna fundamental nesta questão: se em *Justification Today* não se foi capaz de, conforme críticas internas e externas, explicitar como e por que somos salvos e justificados por causa de Cristo, esta omissão, resultante de uma falta de clareza e consenso interno, reflete-se em outros documentos de diálogos interdenominacionais. O mesmo ocorrerá com a *Concórdia de*

---

30 [1] *item docent, quod homines non possint iustificari coram deo propriis viribus, meritis aut operibus, sed gratis iustificenter propter Christum per fidem*, [2] *cum credunt se in gratiam recipi et peccata remitti propter Christum, qui sua morte pro nostris peccatis satisfecit*. [3] *hanc fidem imputat deus pro iustitia coram ipso*, Rom. 3 et 4.

31 Nestor BECK, 1987, p. 70. – Quanto ao elo entre a fé e Cristo: “The care in specifying the object of faith indicates that *faith* and *Christ* are viewed as *correlative* terms, which means that each is regarded as demanding the other. Consequently, whenever the text speaks of Christ, it implies faith, for it assumes that this Christ must be apprehended by faith; whenever it speaks of faith, it implies Christ, for it is assumed that this faith is directed at Christ, apprehends and possesses Him.”

*Leuenberg*, onde se omite a clara expressão do objeto da fé e do *modus iustificationis* e do que realmente significa “vida em Cristo”. Assim como críticos católicos afirmaram em seu tempo que *Justification Today* não foi capaz de expressar a mensagem da justificação em linguagem moderna e clara porque o próprio assunto permanecia controverso, toda tentativa de atualização, tal como se tem visto nos documentos *Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*, carecerá de maior força e eficiência se não houver compreensão do como somos justificados em Jesus Cristo. Com todos os méritos da *Declaração Conjunta Católica e Luterana sobre a Justificação pela Fé*, de 1999, também aqui não se afirma o real objeto da fé e não se explicita o *propter Christum*<sup>32</sup>. É necessário voltar a pensar exegética e sistematicamente sobre a obra da redenção e a morte substitutiva de Jesus, que não é exclusiva mas inclusiva, e sua forte relação com o batismo. É necessário ligar mais estreitamente a justificação, a eclesiologia e a sacramentologia, e redescobrir a força da função simbólica da Igreja no mundo com vistas ao destino escatológico da humanidade. É preciso repensar e re-dizer hoje a afirmação confessional da morte expiatória representativa de Jesus na reconciliação dos seres humanos com Deus, para que a reconciliação realmente seja possível também entre os indivíduos e os povos. Aqui também volta a necessidade da identificação teológica, luterana, da salvação, para os diálogos inter-religiosos citados anteriormente.

### **Teses sobre o *propter Christum* e o pentecostalismo**

1) A luta de Lutero contra os entusiastas e sacramentários foi, por vezes, mais acirrada do que contra a teologia escolástica e as estruturas abusivas da igreja hierarquizada. Os movimentos entusiastas e espiritualistas sempre se caracterizaram pela relativização dos meios externos da graça divina. Pela centralização da obra do Espírito Santo que se distancia do eixo cristológico, estes movimentos correm, assim, o risco de perder o fundamento histórico da fé, a obra histórica de reconciliação e os meios históricos pelos quais o espírito de Cristo liga o ser humano a esta reconciliação histórica: os sacramentos e a proclamação do Evangelho.

2) A ênfase demasiada em dons carismáticos outros que a profecia e os frutos do espírito, segundo Gálatas, corre o risco de causar atitudes de menosprezo daqueles que não os possuíam e de sectarização da comunidade.

3) O *propter Christum* evitará a volta a uma compreensão escolástica

---

32 O parágrafo n. 15 da DCJ é insuficiente: como a “encarnação, morte e ressurreição” de Cristo são fundamento e pressuposto da justificação? A sociedade secular não o compreenderá.

que centraliza o viver eclesialístico no crente e sua atuação de louvor e carisma, confundindo justificação e santificação, e evitará dispor-se de Deus a seu critério.

4) O pentecostalismo é um modo de pensamento e vida cristã que se autocompreende a partir de um prisma bem definido: a ação pentecostal de Deus. Como tal, ele é intrinsecamente divergente do modo de pensamento e de vida luterano, que se compreende expressamente a partir da ação reconciliadora de Deus em Cristo para a humanidade, com suas implicações cristológicas e sacramentais e que, embora leia em Paulo afirmações teológicas sobre os dons carismáticos, não as vê como primordiais. O luteranismo não determina seu pensamento a partir destas afirmações laterais e historicamente condicionadas de Paulo – que, na prática, são deturpadas muitas vezes – mas a partir da centralidade da teologia paulina, que é a justificação pela fé conforme a natureza de suas epístolas aos Romanos e aos Gálatas, e que reflete a compreensão veterotestamentária do Deus Yahweh que liberta e que justifica o/a pecador/a pelo seu perdão.

### **Bibliografia**

ALTMANN, Walter. Rechtfertigung im Kontext der Exklusion – Lateinamerika. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 109-116, maio 2000.

BARTH, Hans-Martin. Die Rechtfertigungsbotschaft zwischen religiösem Desinteresse und esoterischen Überangebot – Europa. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 145-156, maio 2000.

BASTIAN, Jean-Pierre. Os virtuosos do religioso: os dirigentes pentecostais são profetas? *Theophilos*, Canoas, v. 1, n. 2, p. 339-352, jul./dez. 2001.

BECK, Nestor. *The Doctrine of Faith: A Study of the Augsburg Confession and Contemporary Ecumenical Documents*. St. Louis: Concordia, 1987.

Bericht der Gruppe IV: Christologie, Heilung und Erlösung. *LWB Dokumentation*, n. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 235-238, nov. 1997.

Bericht der Gruppe V: Zeugnis, Mission, Methodik., *LWB Dokumentation*, n. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 239-243, nov. 1997.

BIRMELÉ, André. Dominus Iesus et la Déclaration Commune à propos de la doctrine de la justification. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 49, n. 2, p. 141-153, abr.-jun., 2001.

\_\_\_\_\_. *La communion ecclésiale: progrès oecuméniques et enjeux méthodologiques*. Paris/Genève: Cerf/Labor & Fides, 2000. (Cogitatio Fidei).

BORNKAMM, Heinrich. *Das bleibende Recht der Reformation: Grundregeln und Grundfragen evangelischen Glaubens*. Hamburg: Furche, 1963.

BRAATEN, Carl E. Die Katholizität der Reformation: Der Ort in der Bewegung der Evangelischen Katholiken. *Kerygma und Dogma*, v. 42, p. 186-201, 1996.

*Declaração Conjunta sobre a doutrina da justificação*. Trad. de Johannes F. Hasenack e Luís M. Sander. São Leopoldo / Brasília / São Paulo: Sinodal / CONIC / Paulinas, 31/10/1999.

DEIFELT, Wanda. Die Relevanz der Rechtfertigungslehre. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 29-37, maio 2000.

*Die Bekenntnisschriften der Evangelisch-Lutherischen Kirche (BSLK)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1952.

DIETER, Theodor. L'origine de la controverse: Luther aux prises avec la doctrine du salut du haut Moyen-Âge. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 48, n. 4, p. 359-372, out.-dez. 2000.

DIETER, Theodor. La signification de la doctrine de la justification pour l'ensemble de la doctrine chrétienne. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 48, n. 4, p. 399-415, out.-dez. 2000.

ENGELBRECHT, Sebastian. Religion ohne Verantwortung?: Warum Juden und auch christliche Theologen die lutherische Rechtfertigungslehre kritisieren. *Zeitzeichen*, Berlin, v. 2, p. 57-59, mar. 2001.

FÉDOU, Michel. Le dialogue interreligieux: méthodologie et finalités. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 47, n. 3, p. 225-237, jul.-set. 1999.

FREUDENBERG, Hans, GOSSMANN, Klaus. *Sachwissen Religion*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988.

GREIVE, Wolfgang. Die Bedeutung der Rechtfertigung in den Kontexten der Welt: Auf dem Weg zu einer Neuinterpretation der Rechtfertigungslehre. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 11-20, maio 2000.

HEINE, Susanne. ...indem er zur Hölle fuhr: Die Bedeutung der Rechtfertigung leuchtet nur in einem persönlichen Akt des Erkennens auf. *Zeitzeichen*, Berlin, v. 1, p. 46-49, out. 2000.

\_\_\_\_\_. Nicht ablassen. Bemerkungen zur Rechtfertigungslehre. *Die Zeichen der Zeit: Lutherische Monatshefte*, Hannover, v. 3 [39], p. 18-20, fev. 2000.

\_\_\_\_\_. Sein geht vor Sollen: Der ontologische Zugang zur Rechtfertigung mit einem Ausblick auf den interreligiösen Dialog. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 75-86, maio 2000.

HEISE, Ekkehard. Konsequenzen der Rechtfertigungslehre im lateinamerikanischen Kontext. *LWB Dokumentation*, n. 45 (*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*), p. 189-193, maio 2000.

JOEST, Wilfried. Die Rechtfertigungslehre Luthers in ihrer Bedeutung für den modernen Menschen. In: FOERSTER, Heinrich (Ed.). *Reformation Heute: Bibelarbeit und Referate der Internationalen Theologentagung des Lutherischen Weltbundes*. Berlin/Hamburg, 1967. p. 41-55.

JÜNGEL, Eberhard. Um Gottes Willen – Klarheit!: Kritische Bemerkungen zur Verharmlosung der kriteriologischen Funktion des Rechtfertigungsartikels – aus Anlass einer ökumenischen “Gemeinsamen Erklärung zur Rechtfertigungslehre”. *Zeitschrift für Theologie und Kirche*, Tübingen, v. 97, n. 3, p. 394-406, 1997.

KAUFMANN, Thomas, OHST, Martin. Unvereinbar oder inhaltsleer: Der päpstliche Anlass widerlegt die Rede vom Rechtfertigungskonsenz. *Die Zeichen der Zeit* [Lutherische Monatshefte], Hannover, v. 2 [38], p. 20-21, set. 1999.

Kein anderer Name! (Apg.4,12): Theologische Erklärung zur Beurteilung der Religionen im Licht des Evangeliums. [Vom Theologischen Konvent Bekennender Gemeinschaften am 30. November 1999 in Krellingen verabschiedet]. *Erneuerung und Abwehr* [vereinigt mit *Evangelische Sammlung*]. v. 35, n. 2, fev. 2000 [encarte especial paginado].

KREMERS, Helmut. Die nicht endende Reformation: Die Gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigung wird nun doch unterzeichnet. *Die Zeichen der Zeit* [Lutherische Monatshefte], Hannover, v. 2 [38], p. 24-25, ago. 1999.

MARTINSON, Paul Varo. Überlegungen zu einem lutherischen Verständnis anderer Religionen. *LWB Dokumentation*, n. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 195-220, nov. 1997.

MEYER, Harding. Das Augsburgische Bekenntnis neu gelesen im gegenwärtigen ökumenischen Kontext – Bericht über eine Konsultation. In: id. (Ed.). *LWB Report: Augsburgische Konfession im Ökumenischen Kontext*. p. V-X, dez. 1979.

\_\_\_\_\_. Nicht mehr unüberwindlich: Die gemeinsame Erklärung zur Rechtfertigungslehre. *Lutherische Monatshefte*, Hannover, v. 36, p. 27-29, set. 1997.

MOLTMANN, Jürgen. *Wer ist Christus für uns heute?* Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher, 1994.

MÜLLER, Gerhard. “Christus allein alles”: Zur Christologie Martin Luthers: Eike Wolgast zum 65. Geburtstag. in: *Lutherische Kirche in der Welt: Jahrbuch des Martin-Luther-Bundes*, v. 48, p. 51-70, 2001.

MWAKABANA, Hance. Einleitung: Andere Religionen aus theologischer Sicht. *LWB Dokumentation*, v. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 13-20, nov. 1997.

NEUHAUS, Richard John. Theology for Church and Polis, in: BRAATEN, C., CLAYTON, C. (Eds.). *The Theology of Wolfhart Pannenberg*. Minneapolis, 1988. p. 226-238.

NEUNER, Peter. Ist das noch “Ablass”? Der Jubiläumsablass steht der Gemeinsamen Erklärung nicht im Wege. *Die Zeichen der Zeit* [Lutherische Monatshefte], Hannover, v. 2 [38], p. 22-23, set. 1999.

*Ökumenische Verantwortung: Eine Handreichung für die Selbständige Evangelisch-Lutherische Kirche*. Editores: Die Kirchenleitung der SELK. Hannover, 1994.

PANNENBERG, Wolfhart. *Le ministère ecclésial et l’unité de l’Eglise*. (Palestra

apresentada na Universidade de Strasbourg II num colóquio com Jean-Marie Tillard, em 16.1.1995). *Istina*, v. 40, n. 3, p. 190-201, jul.-set. 1995.

\_\_\_\_\_. *Reformation zwischen gestern und morgen*. Gütersloh: Gerd Mohn, 1969.

\_\_\_\_\_. *Systematische Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991. v. 2.

\_\_\_\_\_. Überlegungen zum Problem der Bekenntnishermeneutik in den evangelischen Kirchen. *Kerygma und Dogma*, v. 43, p. 292-302, 1995.

PARMENTIER, Elisabeth. Liminaire: la doctrine de la justification dans la controverse confessionnelle et dans le dialogue oecuménique. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 48, n. 4, p. 329-330, out.-dez. 2000.

PESCH, Otto-Hermann. La réponse du Concile de Trente (1545-1563): Les décisions doctrinales anti-réformatrices et leurs conséquences. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 48, n. 4, p. 331-357, out.-dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Römisch-Katholische Probleme mit der “Gemeinsamen Erklärung zur Rechtfertigungslehre” – und wie sie zu überwinden sind. *Jahrbuch des Martin-Luther-Bundes*, Erlangen, v. 46, p. 182-206, 1999.

PETERS, Albrecht. Systematische Besinnung zu einer Neuinterpretation der Reformatorischen Rechtfertigungslehre. In: *Rechtfertigung im neuzeitlichen Lebenszusammenhang: Studien zur Neuinterpretation der Rechtfertigungslehre*. Im Auftrag des theologischen Ausschusses der VELKD. Editado por Wenzel Lohff e Christian Walther. Gütersloh: Gerd Mohn, 1974.

PÖHLMANN, Horst G. Der gekreuzigte Buddha: Der ferne Spiegel: Die Jesusvorstellungen in den nichtchristlichen Weltreligionen. *Zeitzeichen*, Berlin, v. 2, p. 56-58, maio 2001.

RASOLONDRAIBE, Péri. Stellungnahme zum Beitrag [Selvanayagam, Israel. “Christliche Theologie und Mission inmitten vieler Theologien und Missionen”]. *LWB Dokumentation*, n. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 191-194, nov. 1997.

*Rechtfertigung in den Kontexten der Welt*. *LWF Dokumentation*, n. 45, Wolfgang Freive (ed.), Genève, 2000.

SELVANAYAGAM, Israel. Christliche Theologie und Mission inmitten vieler Theologien und Missionen. *LWB Dokumentation*, n. 41 (*Andere Religionen aus theologischer Sicht*), p. 171-190, nov. 1997.

SCHLINK, Edmund. Der ökumenische Charakter und Anspruch des Augsburgischen Bekenntnisses. In: MEYER, Harding (Ed.). *LWB Report (Augsburgische Konfession im Ökumenischen Kontext)*. p. 1-28, dez. 1979..

SCHMIDT; Jörg. Na und?: Römisches Beharren sollte evangelisches Selbstbewusstsein nicht erschüttern. *Zeitzeichen*, Berlin, v. 1, p. 61, nov. 2000.

SPARN, Walter. Grauslich handgestrickt: Ist die deutsche Theologie ökumenisch unfähig? *Zeitzeichen*, Berlin, v. 1, p. 58-61, nov. 2000.

Thesen zur Rechtfertigungslehre. In: *Rechtfertigung im neuzeitlichen*

*Lebenszusammenhang*: Studien zur Neuinterpretation der Rechtfertigungslehre. Im Auftrag des theologischen Ausschusses der VELKD. Editado por Wenzel Lohff e Christian Walther. Gütersloh: Gerd Mohn, 1974. p. 7-29.

TIETJEN, John H. The Abiding Validity of the Reformation. In: KADAI, Heino O. (Ed.). *Accents in Luther's Theology: Essays in Commemoration of the 450th Anniversary of the Reformation*. St. Louis – London: Concordia, 1967. p. 13-46.

BRANDT, Hermann, ROTHERMUND, Jörg. *Was hat die Ökumene gebracht?: Fakten und Perspektiven*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1993.

WEINRICH, Michael. Sakramentalisierung der Kirche: Die Ökumene nach der Gemeinsamen Erklärung zur Rechtfertigungslehre. *Zeitzeichen*, Berlin, v. 1, p. 50-52, out. 2000.

ZAHRNT, Heinz. Entre combat, témoignage, tolérance et indifférence: Être chrétien aujourd'hui au milieu des religions. *Positions Luthériennes*, Paris, v. 40, n. 3, p. 219-237, jul.-set. 1992.

ZEUCH, Manfred. “O Espírito embrulhado na carne”: O choque entre Lutero e os espiritualistas da Reforma”. *Vox Concordiana*, São Paulo, suplemento teológico, v. 11, n. 1, p. 8-19, 1996.

Prof. Dr. Manfred Zeuch  
Rua Quatro, 37  
Vila Capri – Nossa Senhora das Graças  
92000-000 Canoas/RS  
manfred@ulbra.tche.br